

**JOÃO MANUEL SIMÕES E
A POÉTICA DO SILÊNCIO:
O PARADOXO DE UM
SILÊNCIO QUE FALA**

COSTA, Sueli Aparecida da¹
CRUZ, Antonio Donizeti da²

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da UNIOESTE, Campus de Cascavel- PR.

² Orientador e Professor do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da UNIOESTE, Campus de Cascavel- PR e Professor de Teoria da Literatura, Campus de Marechal Cândido Rondon.

RESUMO: O presente texto versa sobre a união entre palavra e silêncio no fazer poético de João Manuel Simões. Sem abandonar a magia da poesia e o compromisso com a linguagem poética, Simões aborda temas que configuram a modernidade lírica como a condição original do ser humano, a arte poética e a sua própria condição de poeta, convertendo o silêncio em palavra e poesia.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia, Silêncio, João Manuel Simões

ABSTRACT: The present text turns on the union between the word and silence in poetical making of João Manuel Simões. Without abandoning the magic of the poetry and the commitment with the poetical language, Simões approaches subjects that configure lyric modernity as the original condition of the human being, the poetical art and its proper condition of poet, converting silence into word and poetry.

KEY WORDS: Poetry, Silence, João Manuel Simões

Antes de analisar o modo pelo qual o poeta paranaense, João Manuel Simões, explora a contingência de sentidos que o silêncio e a palavra podem expressar em poesia, faz-se necessário apresentar algumas concepções acerca do fenômeno da arte de fazer versos e de como a poesia consegue dar voz e sentido a emoções e sentimentos que não teriam expressão senão pela palavra e imagem poéticas. Assim, este texto tem por objetivo (ou pretensão) sair em “defesa da poesia” e exaltar sua beleza, encanto e qualidade.

Para que a “defesa” seja mais eficaz é preciso recorrer a nomes como Hegel, Valéry, Dufrenne que, como Shelley, trouxeram importantes contribuições acerca da poesia, defendendo-a e clarificando o mistério e magia que a envolve. A poesia lírica, no dizer de Hegel, satisfaz a necessidade “de perceber o que sentimos, as nossas emoções, os nossos sentimentos, as nossas paixões, mediante a linguagem e as palavras com que o revelamos ou objectivamos” (HEGEL, 1980: 221). O que permanece essencialmente lírico é a expressão do modo de conceber e de sentir do poeta. Este possui a capacidade de evocar uma disposição de alma semelhante à que nele fez surgir o poema. O poeta não se anula ante o objeto, ele confunde-se com ele e, com ele, relaciona os seus desejos e descobertas inesperadas. Ele pode partir de acontecimentos exteriores e transformá-los em uma efusão lírica.

ca, repleta de comoção e emoção e, com isso, construir um mundo subjetivo e completo, que obedeça aos impulsos do seu coração e do seu espírito. Para Hegel, o homem, quando ciente de si mesmo e de sua subjetiva interioridade, “vê-se a si próprio e torna-se para si mesmo, uma obra de arte” (1980: 230).

Neste sentido, o que dá à poesia lírica conteúdo e forma, não são a coletividade objetiva nem a ação individual, mas o próprio indivíduo enquanto indivíduo: “A verdadeira poesia lírica como toda a verdadeira poesia, tem por missão exprimir o conteúdo autêntico da alma humana” (HEGEL, 1980: 233). Os conteúdos devem corresponder aos sentimentos, intuições, idéias ou reflexões subjetivas, de tal forma de se tornem expressão artística, expressão de uma alma poética. Hegel destaca que, quanto mais a alma se afasta do estado de concentração e mais amplia o domínio dos seus sentimentos, tanto mais o poeta toma consciência desta sua interioridade (1980: 234). O caráter da poesia lírica é a expressão do espírito interior e, por isso, não pode se limitar nem à forma nem ao conteúdo. A poesia lírica exprime uma alma que se eleva a uma livre representação de si mesma e da vida interior, tornando-se compatível com todos os graus de cultura do espírito. O poeta lírico tem consciência de si mesmo e da liberdade de sua arte, como se seu canto emanasse da alma, com uma sonoridade natural. A poesia lírica “é fruto dos esforços de uma alma inquieta e agitada, violentando a arte e o pensamento, porque ultrapassa os limites de um sem lograr entrar no outro” (HEGEL, 1980: 239).

O que constitui a nobreza do poeta lírico é a sua capacidade elevada de grandeza interior, pois o que se exprime na obra lírica é a totalidade da vida interior do indivíduo. O poeta impele expressão artística a tudo o que se passa na sua alma ou atravessa o seu pensamento – ele transforma em intuição poética tudo o que o impressiona. Na poesia lírica, afirma Hegel, “o poeta atrai o real para a esfera dos sentimentos, transforma-o num objecto (sic) da sua experiência interna, e é só depois de o ter interiorizado que o exprime sob um revestimento verbal” (1980: 247).

E é isso o que João Manuel Simões faz em seus poemas, ele impele voz e sentido às palavras e imagens, extraindo do silêncio, da intuição e do pensamento abstrato, a expressão dos sentimentos, das angústias do ser humano, da sua condição de

poeta ante o ato da criação poética. João Manuel Simões é autor de mais de vinte e oito livros de poesia, cuja força de expressão é uma poesia de referencial erudito, destacando-se por um fazer poético que transforma as palavras em étimo das imagens. Sua poesia destaca-se pela variedade de formas, passando livremente do soneto ou poema em prosa ao haicai ou poemas sintéticos. Esta capacidade de lidar com o tradicional e o moderno revela uma poética cuja forma de expressão evidencia uma criatividade artística e uma forte preocupação com o fazer poético e forma de conceber a arte e a literatura.

Não só no poeta Simões se percebe este rigor e cuidado com a linguagem e este amor pela poesia, mas também no crítico literário Simões observa-se uma preocupação com a arte poética no que tange seu caráter de infinito e eternidade, uma vez que, na poesia, as palavras adquirem importância capital e transmudam-se em valores, assumindo a grandeza de símbolos e reificando os mitos. A poesia cristaliza o irreal, concretiza o abstrato numa constante dialética em que as palavras deixam de ser simples elementos e “estáticas moléculas de dicionário” para serem dinamismo criador de sonho, de ritmo, de beleza: “[...] a poesia vai muito além do que a linguagem dos sentidos nos mostra. Reduz, traduz essa linguagem numa linguagem nova [...]”. (SIMÕES, 1978: 56).

A poesia transforma a linguagem numa linguagem depurada, purificada e vivificada por uma série de valores cada vez mais raros ao mundo moderno: esperança, fé, compreensão, amor e fraternidade. A missão dos poetas estará finda ao criar esta linguagem – “a poesia tem, como atributo fundamental o dom de transfigurar, de reformular o seu objeto imediato” (SIMÕES, 1978: 58). Pela transfiguração e reformulação, a poesia atinge a plenitude da criação, tornando-se capaz de extrair algo do nada – ou voz do silêncio. A faculdade de criação da poesia passa necessariamente pela palavra, pois é por ela que se constrói o edifício poético que sobrevive ao próprio homem e ao tempo.

Para Shelley, os poetas não são apenas os autores da linguagem e da música, da dança ou da pintura, mas também “os instituidores das leis e os fundadores da sociedade civil e

os inventores das artes da vida e os mestres que aproximam do belo e do verdadeiro aquela apreensão parcial das instâncias do mundo invisível que se chama religião” (1987: 222). Eles são os legisladores ou profetas não reconhecidos ou desconhecidos do mundo, eles contemplam não só o presente, mas o futuro no presente. Um poeta é profeta na medida em que participa do eterno, do infinito e do uno, extinguindo as relações e as concepções de tempo, espaço e número.

O poema é universal e contém em si próprio o germe de uma relação com qualquer motivo ou ação que tenha lugar nas possíveis variedades da natureza humana. O mesmo tempo que destrói a beleza e o uso da história de fatos particulares, na poesia, aumenta e desenvolve para sempre novas e maravilhosas aplicações: “Uma história de fatos particulares é como um espelho que obscurece e deforma o que deveria ser belo; a poesia é um espelho que embeleza o que é disforme” (SHELLEY, 1987: 225).

No dizer de Shelley, a poesia é sempre acompanhada de prazer, uma vez que os espíritos por ela tocados se abrem para receber a sabedoria que se encontra misturada com seu prazer. O poeta é como um rouxinol que canta para alegrar sua própria solidão com doces gorjeios. Seus ouvintes “são como os homens fascinados pela melodia de um músico invisível e que sente que eles estão enternecidos e emocionados, sem contudo saber como nem por quê” (1987: 225). A poesia desperta e aumenta a mente, tornando-a receptáculo de milhares de combinações de pensamento antes inapreendidos, ela descortina o véu da beleza oculta do mundo, contribuindo para a ampliação do círculo da imaginação, inundando-a de pensamentos que possuem o poder de atrair e assimilar outros pensamentos. A poesia reforça a faculdade da imaginação e contribui para a perfeição do homem. Para Shelley, a poesia é sempre a luz da vida, a fonte de tudo o que de belo e generoso pode ocorrer numa época maldosa, porque a poesia é fonte de deleite – “A poesia transforma tudo em encanto; exalta a beleza do que é mais belo e acrescenta beleza ao que houver de mais deformado; combina júbilo e terror, tristeza e prazer, eternidade e mudança [...]” (SHELLEY, 1987: 241).

Se a força da poesia é sua criação e transformação, isso significa que os poetas não estão apenas sujeitos à experiência da inspiração, mas podem também colorir tudo quanto combinam com os tons evanescentes deste mundo etéreo. Uma palavra é suficiente para fazer vibrar a corda encantada da criação e reanimar a imagem adormecida e sepultada. Isso é possível graças ao poder que a poesia possui de immortalizar o instante e tudo o que há de melhor, mais feliz e mais belo no mundo e enviá-las à humanidade.

Para Valéry, a poesia é uma arte da linguagem. E o estado poético é irregular, inconstante, involuntário, frágil, tão fácil de perder quanto de obtê-lo. Este estado poético não basta para se fazer um poeta, uma vez que um poeta “não tem por função fazer sentir novamente o estado poético [...] Reconhece-se o poeta – ou, pelo menos, cada um reconhece o seu – pelo simples fato de que ele transforma o leitor em “inspirado” (VALÉRY, 1991: 206).

A poesia não é feita de idéias, mas de palavras, disse certa vez Mallarmé. Mas para que estas palavras tornem-se poesia elas precisam passar por uma modificação, uma transformação que pode ser brusca ou não, espontânea ou não, trabalhosa ou não, que interpõe o pensamento produtor de idéias e a linguagem. Na concepção de Valéry, um poeta é “um homem que, a partir de um incidente, sofre uma transformação oculta. Ele se afasta de seu estado normal de disponibilidade geral e vejo construir-se nele um agente, um sistema vivo, produtor de versos” (1991: 211). Quando pronto, o poema é feito para renascer das cinzas. A poesia reconhece-se pela propriedade de reproduzir em sua forma e reconstituir-se identicamente. Entre o poema e o estado de poesia manifesta-se uma simetria, uma igualdade de importância, de valor e de poder. O princípio essencial das condições de produção do estado poético por meio das palavras consiste na troca harmoniosa entre a expressão e a impressão (1991: 213).

O itinerário poético vai da sensação em direção a alguma idéia ou sentimento, voltando, posteriormente, a alguma lembrança da sensação e à ação virtual que reproduziria essa sensação. A memória é a substância de qualquer pen-

samento, pois o pensamento é o trabalho que faz surgir o que não existe, que faz tomar a parte pelo todo, a imagem pela realidade, que dá a ilusão de ver, de agir, de suportar: “Entre a Voz e o Pensamento, entre o Pensamento e a Voz, entre a Presença e a Ausência oscila o pêndulo poético” (VALÉRY, 1991: 214). O poeta não se vale apenas de inspiração e da presença do universo poético, ele tem seu pensamento abstrato e utiliza uma quantidade de reflexão, ele tem sua filosofia. O poeta é um arquiteto de poemas que, ao valer-se das palavras, transforma o poema em “uma espécie de máquina de produzir estado poético” (1991: 217). Por isso, o poeta possui a capacidade de despertar no homem um incidente externo ou interno, uma emoção, uma palavra, uma vontade de expressão, uma necessidade de traduzir o que sente, mas, as vezes, também desperta um elemento de forma, um esboço de expressão que procura um sentido no espaço da alma.

No dizer de Dufrenne, a poesia expressa e mostra o mundo, ela não o faz conhecer: “A poesia situa-nos ao nível da presença, e não da representação; ela revela, não explica. Revela o que não pode ser senão revelado, e não pode sê-lo diversamente: a poesia deve ser tomada ou abandonada, jamais traduzida” (1969: 89). A poesia expressa o mundo por meio de três assuntos: a própria poesia, o poeta e o mundo. A reflexão poética faz do mundo da poesia uma poesia do mundo, a partir do momento que evoca um mundo em que a poesia tem um lugar como uma força de natureza. A poesia permanece em contato com o mundo e sua primeira tarefa é a de desvendar-se. Ainda quando o assunto é o amor, a poesia diz o mundo, pois este lhe serve de cenário e fonte – “o mundo do amor se cristaliza em imagem do mundo” (1969: 91). O verdadeiro assunto da poesia, segundo Dufrenne, é o mundo, mas o assunto por si não é poético, pode tornar-se poético, dependerá da “cirurgia estética” operada pela poeta no verbo ou palavra. Novamente, o que está em jogo é a “alquimia verbal”. Desta “operação” é que as palavras poderão tornar-se poéticas ou não e alcançar o brilho dos faróis que cortam a escuridão e o silêncio.

A poesia é convite a ultrapassar a concepção, ou a imaginação, em direção à percepção e ao verbo, pois quando “a percepção do verbo se aprofunda em sentimento, penetra no

mundo que a obra exprime, guiada por imagens suficientemente discretas para não bloquear seu horizonte” (DUFRENNE, 1969: 109). Neste sentido, o estado poético pode ser identificado como esse estado de encantamento, provocado pelos poderes do verbo no poema. A virtude da poesia, afirma Dufrenne, “consiste em igualarmo-nos a ela mesma”, pois ela incita o leitor a ser, ele mesmo, um ser poético. Isso não quer dizer que o leitor equivale ao poeta, mas que ele torna-se colaborador do poeta, uma vez que realiza em si mesmo o que o poeta criou, sem criar, sem imaginar por sua própria conta. O poeta, por sua vez, é o artesão da linguagem, ele a manuseia com precaução. Ele está sempre atento ao que diz e como diz, precisa seguir a tradição e, para tanto, é necessário mestria. No entanto, embora seja um artesão, o poeta é, também, um ser inspirado, e, portanto, menos cioso de seu ato do que propriamente de seu estado. O estado poético, para o poeta inspirado, é a garantia de autenticidade na medida em que não é responsável por seu estado. É como se entre si e a obra intervisse um terceiro que o possui e anima (1969: 129). No entanto, os poetas praticam, simultaneamente, trabalho e inspiração, pois só a inspiração não bastaria para fazer do poeta um gênio – a inspiração não pode ser concebida sem o trabalho.

O poeta autêntico é aquele que liberta a palavra da natureza, ainda que nas margens do silêncio, de um silêncio que pode ser falado e de onde as palavras brilham, pois neste caso, o seu silêncio é também uma palavra pela qual algo da natureza ou do mundo se exprime. Como o som, que se propaga no silêncio tornando-se audível, a poesia nasce no silêncio e no balbucio das palavras – no poder de dizer. De acordo com Paz, a poesia aspira irresistivelmente a recuperar a linguagem como uma realidade total – “O poeta torna palavra tudo o que toca, sem excluir o silêncio e os brancos do texto” (PAZ, 1982: 344). A palavra de ordem que impulsiona a poesia é a “transfiguração”, a transformação do verbo, a conversão de um estado a outro, de uma linguagem a outra, do silêncio em voz.

João Manuel Simões, na qualidade de autêntico poeta, opera uma alquimia verbal, extraíndo do silêncio o tema e o canto de sua poesia, numa poética que eleva, revela e liberta para um plano transcendental. No poema “Fuga”, o poeta sen-

te-se livre pelo canto que emana da poesia e do silêncio: “Exilado na ilha do silêncio,/ o poeta liberta-se/ na garupa do canto.” (SIMÕES, 1982a: 54). É no silêncio que o poeta ouve a voz da poesia libertadora de onde surge o canto puro do poeta que se deixa conduzir pela “outra voz” da poesia, dando forma e expressão à mesma. O exílio na ilha do silêncio não é, para o poeta, algo negativo que anula seu canto. Ao contrário, o exílio apenas reforça seu canto e o impulsiona a liberdade e a compor na “garupa do canto” o reverso do silêncio: a voz visível e audível da poesia que é fuga para novas formas de expressão.

Extraír do silêncio a voz necessária à poesia é o ofício do poeta. No poema “Ofício”, Simões compara o poeta ao lavrador: tal qual o lavrador que trabalha a terra, planta e cultiva a semente, o poeta trabalha a palavra e faz nascer da semente-silêncio a seara do canto-poesia.

Poeta, lavrador.
Charrua, pá, semente:
o verbo construído
(em alegria e dor)
no minifúndio breve
do silêncio de jade.
O trigo não demora
a germinar no ventre
da terra, em sua hora,
urgente como o pássaro
incólume do tempo.
Feita de verbo e espanto,
enfeita-se a seara
inconsútil do canto.
(SIMÕES, 1984: 26)

No “minifúndio breve do silêncio de jade”, o poeta-lavrador cultiva o verbo, num misto de alegria e dor. As palavras que formam o poema não nascem com um simples toque de mágica, fruto de uma inspiração criadora, mas com o mesmo trabalho e dedicação do lavrador que trabalha a terra para plantar a semente. O poeta trabalha o verbo e eis que o poema germina de suas mãos e do minifúndio do silêncio, até nascer por completo e se fortalecer, regado no tempo e florido de canto. O poeta-lavrador é semelhante ao poeta-artesão, cuja imagem tende a negar o estado poético em proveito do ato poético, pois ressalta o caráter voluntário,

laborioso e artesanal da criação poética. O poeta é como um artesão que conhece todas as receitas de sua arte; é um obreiro que tem consciência do prestígio que ela lhe confere junto aos que solicitam seus serviços, sentindo-se responsável pelo destino da linguagem. O lavrador conhece os segredos da terra, da lua e a época certa para o plantio e a colheita. O poeta, como o artesão e o lavrador, é responsável pela sua obra e por sua colheita, ele conhece os mistérios do verbo, valendo-se dos instrumentos necessários para transformar a palavra em encanto e canto.

E, tendo conhecimento dos mecanismos para o cultivo da palavra, o poeta constrói “em alegria e dor”, uma vez que o ofício do poeta não é tão leve quanto se imagina. Para que a poesia perdure ilesa no tempo o verbo precisa ser cuidadosamente trabalhado, mas este trabalho deixa entrever um outro componente – o espanto – o que mostra ou demonstra que a poesia é feita não só de árduo labor, mas também de encanto e inspiração. A poesia é uma seara que nasce da semente-silêncio e atinge a dimensão incalculável da expressão e da palavra poética.

Estranho paradoxo o de um silêncio que fala, mas, em matéria de poesia, os paradoxos se desfazem porque os brancos e os silêncios adquirem tanta expressão quanto as palavras expressas e impressas. No poema “Mudez” esta relação de um silêncio mudo que fala mais do que a “inútil caligrafia” das metáforas fica evidente na forma como Simões apresenta uma profunda simpatia pelo silêncio expressivo.

Suprema eloquência:
a do epitáfio
sem
palavras.
(O silêncio diz tudo
sem a inútil
caligrafia exausta
das metáforas).
(SIMÕES, 1984: 53)

A suprema expressividade e a arte de falar do silêncio é exaltada por Simões, a ponto de dizer tudo quanto se precisa ouvir ou saber. O silêncio abrevia e sintetiza a compreensão e a composição, uma vez que a ausência de palavras e as lacunas

por elas deixadas são preenchidas pelo leitor. Na “mudez” do silêncio, o leitor lê palavras que estão no seu imaginário e ouve vozes que estão em sua memória e no seu inconsciente sem precisar ler ou ouvir da maneira convencional e instituída. O silêncio é tão expressivo quanto as palavras. Da forma como Simões o coloca no poema ele chega a ser mais importante que “a inútil caligrafia exausta das metáforas”, pois é possível dizer tudo sem palavras, apenas ouvindo a voz do silêncio, deixando que ele fale, que diga tudo quanto queira dizer e expressar. A poesia é uma espécie de silêncio eloqüente porque ela diz, pelo sussurro das imagens e pelos brancos do texto o que linguagem nenhuma conseguiria converter em sentido e expressão. Isso se deve ao fato de que o poeta dispõe das palavras de uma maneira completamente diferente da que faz o uso e a necessidade. No dizer de Valéry (1991), o poeta usa as mesmas palavras, mas de forma nenhuma ele usa os mesmos valores, uma vez que é o não-uso e o não-dizer que inunda a poesia e que é a sua função – tudo o que não pode ser falado em prosa é silêncio e voz para a poesia.

O silêncio e a mudez serão a base do canto e da poesia conforme prevê Simões, no poema “Inominável”. A forma de expressão será um canto mudo extraído de um silêncio tecido de veludo e cristal. Horrível e revoltante ou suprema eloqüência? A resposta a esta pergunta não se encontra no plano da expressão, mas do silêncio, o que demonstra mais uma vez que o silêncio está nos mais secretos devaneios e constitui a força expressiva e criativa da poesia. Canto e palavra: mudos e silentes, e, nem por isso, menos significativos. “Um dia nosso canto será mudo/ e mudas as palavras cuja teia/ se tece com silêncio de veludo/ e rútilos cristais, em maré cheia.” (SIMÕES, 1987: 62). O silêncio é tecido com fios de alta qualidade – veludo e cristal – o que o torna um material especial para tecer qualquer canto sem perder seu valor original: a capacidade de comunicar, despertar, libertar e revelar.

Quando o assunto é o próprio ser há uma profunda dificuldade em se encontrar palavras que respondam a esta difícil pergunta – “Quem sou?”. No entanto, se faltam palavras o silêncio fala por si só, uma vez que ele possui sua própria força expressiva. Em qualquer situação, a comunica-

ção é imprescindível, mas silêncio também é comunicação, ele insurge como uma espécie de voz que, muitas vezes, fala mais do que um discurso e ajuda a responder às questões ontológicas. No fim, silêncio e mudez impõem-se como força comunicativa, seja na arte da criação ou da auto-análise. Se as palavras são o sangue do poema, o silêncio também é. Mas é um sangue diferente, pois corre nas veias do verso, da poesia e do ser humano. Sozinho e mudo ele fala com sua voz estridente e, ao mesmo tempo, quase inaudível; dá resposta e interroga; fala e escuta; canta e faz cantar; desvenda e obscurece sem deixar de apresentar sentido.

No poema “Diálogo Comigo” é o silêncio a voz e o amigo que ajuda a encontrar uma explicação sobre sua identidade – “Dialogo comigo./ Sou eu meu confidente./ Faz tanta falta à gente/ um amigo!/ Falo comigo, falo./ Mas só me escuto quando,/ em silêncio pensando,/ me calo./ [...]” (SIMÕES, 1983: 15). Só se ouve o silêncio no próprio silêncio, como só se ouve o barulho no silêncio. A voz do eu lírico o sufoca e impede que ele ouça o silêncio que brota de seu ser e de onde ele encontra a resposta que precisa para desvendar o mistério de sua condição original. O silêncio, além de voz, é produtor de diálogo, o que aumenta ainda mais seu poder enunciativo e o promove à categoria de condição essencial em termos de reflexão interior e existencial.

No intervalo entre a “maciez” do silêncio e a “aspereza” da palavra, desliza um rio de águas cristalinas que clareia o enigma inexplicável da existência humana e da poesia e, neste rio sereno e puro constrói-se a música da alma, o canto encantado, o cântico dos cânticos. Como uma insondável sintaxe de uma voz interdita e reveladora, a poesia desvenda as palavras, como oásis que diz mais do que mostra na epiderme do papel. No reino do silêncio, ela completa o ciclo de sua congênita dualidade e de sua disposição em provocar e incitar a imaginação. No silêncio ou na palavra, a poesia cria para o homem a possibilidade de falar com ele próprio em diferentes linguagens. Ela é revelação e enseja o encontro do homem consigo mesmo, mostrando a interioridade do sujeito poético e exprimindo a condição do homem no mundo. O poeta capta e

interioriza imagens poéticas, evoca o mundo em sua plenitude, fazendo emergir o mistério da linguagem e do homem seja por meio da palavra ou do silêncio. Ao despir a armadura do silêncio branco da página, eis que surge o canto. Silenciosamente a ninfa do silêncio desliza pelos becos da criação e canta um canto mudo, um canto que dizendo nada, diz tudo. Além de uma defesa da poesia, Simões sai em defesa do silêncio que fala e que é fonte de criação, desenvolvendo uma poética cuja força expressiva transcende a palavra, encontrando repouso e refúgio no reino secreto e pouco explorado do silêncio.

REFERÊNCIAS

DUFRENNE, Mikel. *O Poético*. Tradução: Luiz Arthur Nunes/ Realyvia Kroeff de Souza. Porto Alegre: Globo, 1969.

HEGEL. *Estética. Poesia*. Lisboa: Guimarães Editores, 1980.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução: Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SHELLEY, Percy B. "Defesa da Poesia" (1821). In: LOBO, Luiza. *Teorias poéticas do Romantismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

SIMÕES, João Manuel. *Clareza e Mistério da Criação Literária: Ensaios*. Curitiba: Editora Litero-Técnica, 1978.

_____. *Sintaxe do Silêncio*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1984.

_____. *Inscrições para os muros de Babilônia & Vôo com pássaros dentro*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1982a.

_____. *Canto em Mi(M) ou a Secreta Viagem*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1982b.

_____. *Suma Poética*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

_____. *Odes, elegias e outros poemas*. Brasília: Thesaurus, 1987.

VALÉRY, Paul. *Varietades*. São Paulo: Iluminuras, 1991.